



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de arrecadação e Relatório bimestral de receitas e despesas trazem novas informações sobre evolução das contas públicas

Em semana pouco movimentada, o destaque na agenda de indicadores será o resultado da arrecadação federal de impostos de abril, que deve seguir mostrando números fortes. A Receita deve divulgar o resultado ao longo dessa semana, mas ainda sem data definida. A expectativa é de que a arrecadação apresente crescimento real de 8,7% no comparativo interanual (abr/23), mantendo-se impulsionada pelo bom dinamismo da atividade, notadamente dos tributos ligados ao mercado de trabalho, e pela reoneração de impostos (PIS/Cofins) sobre os combustíveis. Ainda no âmbito fiscal, o governo também divulga o relatório de receitas e despesas do 2º bimestre, que trará uma atualização das projeções oficiais para o resultado primário deste ano, que deve seguir se afastando da meta de déficit zero.

Em relação às contas externas, os números devem seguir indicando um quadro confortável. O Banco Central divulga o resultado da balança de transações correntes de abril na sexta (24), que deve mostrar déficit de US\$ 2,0 bi, pior que o observado em abr/23 (US\$ -0,2 bi). Assim, o déficit externo acumulado em 12 meses deve permanecer em patamar contido, em US\$ 34,4 bi (1,53% do PIB), financiado com folga pela entrada dos investimentos diretos no país.

A semana também traz o índice de confiança do consumidor de maio. O indicador será divulgado pela FGV na sexta (24) e deve ajudar o mercado a calibrar o desempenho da economia no 2º trimestre, especialmente no que diz respeito ao consumo das famílias. Importante observar se o aumento das incertezas recentes tem provocado alguma queda da confiança dos consumidores.

No plano internacional, a agenda também está relativamente enxuta. Destaque para a ata da última reunião do Fomc/Fed, que deve detalhar a decisão do último encontro (início de maio) pela manutenção da taxa de juros, atualmente no intervalo entre 5,25% e 5,50% aa. O documento será divulgado na quarta (22), com os agentes aguardando mais sinais sobre a postura que a autoridade monetária deve manter diante de um processo de desinflação que tem se mostrado mais lento que o esperado.

Também nos EUA, serão conhecidos indicadores antecedentes da atividade de maio, como a prévia do PMI para os setores industrial e de serviços, ambos na quinta (23). O indicador do setor de serviços deve seguir sendo o mais dinâmico, apontando para uma expansão da atividade. Já a leitura final do índice de confiança do consumidor referente ao mês de maio, calculado pela Universidade de Michigan, será divulgada na sexta (24), enquanto os últimos dados do setor imobiliário referentes ao mês de abril serão conhecidos ao longo da semana.

Na Europa, a semana traz as prévias do PMI para os setores da indústria e de serviços, bem como o índice de confiança do consumidor referentes ao mês de maio. Todos divulgados na quinta, dia 23.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
23/mai	Reunião do CMN	-	-	-
24/mai	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Abr/24	US\$ -2,0 bi	US\$ -4,6 bi
24/mai	FGV: Sondagem do Consumidor	Mai/24	-	93,2 pts
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Abr/24	8,7% a/a	7,2% a/a
Sem data	Relatório Bimestral de Receitas e Despesas	2º bimestre	-	-

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/mai	China	Taxas Prime de Empréstimo 1 ano e 5 anos	Mai/24	3,45% aa / 3,95% aa	3,45% aa / 3,95% aa
22/mai	EUA	Ata da última reunião do Fomc	01/mai/24	-	-
22/mai	EUA	Vendas de casas existentes	Abr/24	0,6% m/m	-4,3% m/m
23/mai	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Mai/24 – prévia	-14,3 pts	-14,7 pts
23/mai	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Mai/24 – prévia	46,1 pts / 53,6 pts	45,7 pts / 53,3 pts
23/mai	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Mai/24 – prévia	49,9 pts / 51,4 pts	50,0 pts / 51,3 pts
23/mai	EUA	Vendas de casas novas	Abr/24	-2,1% m/m	8,8% m/m
24/mai	EUA	Pedidos de bens duráveis	Abr/24 – prévia	-0,7% m/m	0,9% m/m
24/mai	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Mai/24 – final	67,7 pts	77,2 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Ata do Copom sinaliza que espaço para corte de juros está próximo do fim

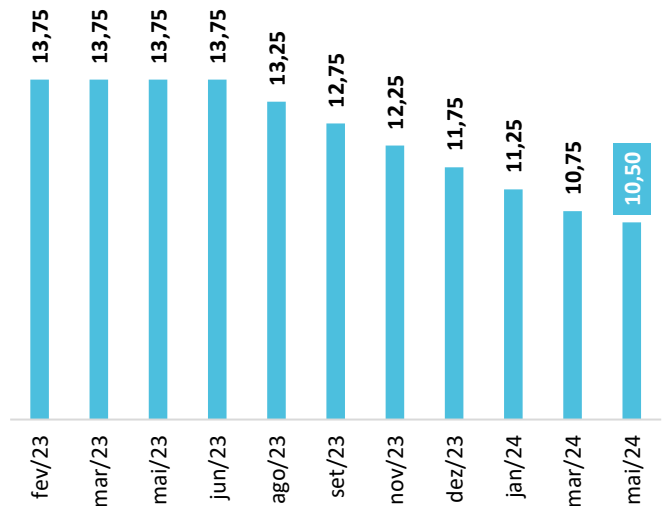
A Ata da última reunião do Copom manteve um tom bastante duro, indicando que o espaço adicional para novos cortes de juros é limitado. O documento também buscou explicar o dissenso entre os diretores, se preocupando em circunscrever a divergência ao campo técnico, contribuindo para dissipar a desconfiança sobre um possível caráter político da decisão.

Na avaliação do cenário, o documento deixou bastante clara a preocupação unânime do colegiado em várias frentes, avaliando que o ambiente externo mais adverso e que o cenário doméstico marcado por resiliência da atividade e expectativas de inflação desancoradas (além da percepção de piora do cenário fiscal entre os agentes do mercado) demandam a “adoção de uma política monetária mais contracionista, mais cautelosa e sem indicações futuras sobre os próximos movimentos”. Assim, a avaliação sugere que o espaço para novos cortes da Selic diminuiu ainda mais, ou, até mesmo, que já tenha se encerrado.

Em relação ao dissenso na votação, o documento apontou que a divisão se ateve ao custo de não seguir a sinalização (*foward guidance*) feita na última reunião. Para a maioria dos diretores, a sinalização sempre foi condicional, e que a alteração no cenário em relação ao que se esperava justificava a necessidade de reduzir o ritmo de corte da Selic para 0,25 pp, destacando que o “risco de perda de credibilidade sobre o compromisso com o combate à inflação e com a ancoragem das expectativas” é “muito mais importante do que o eventual custo reputacional de não seguir um *guidance*”. Para os dissidentes, que votaram pela manutenção do ritmo de ajuste (0,50 pp), a mudança no cenário base não teria sido suficiente para valer o abandono da orientação futura da reunião anterior, “o que poderia levar a uma redução do poder das comunicações formais do Comitê”.

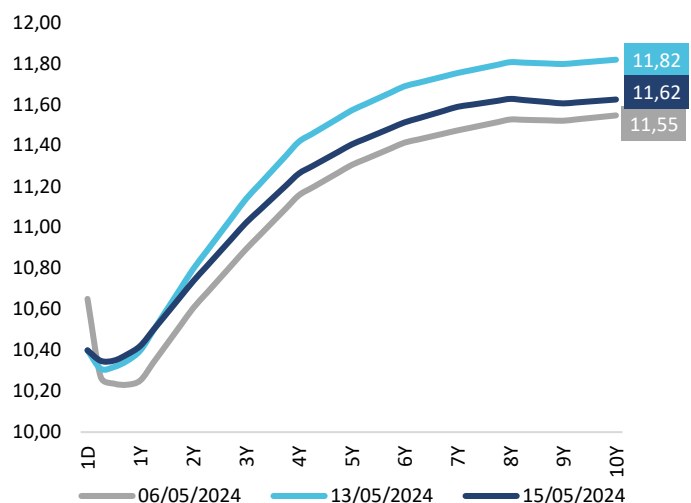
Por fim, diante da piora do cenário, o Copom não deu nenhuma sinalização para sua próxima reunião. A sensação é que não está claro se ainda há disposição da maioria dos membros do Colegiado em fazer novos cortes de juros. Assim, é possível que ocorram novas divergências à frente. De toda forma, parece consenso que todos os diretores entendem que o cenário para novos cortes de juros é limitado, desenhando-se, assim, a possibilidade de termos uma Selic terminal em dois dígitos (10,0% aa ou mais).

Quadro 1: Taxa Selic - % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros Futuros - % aa



Fonte: Bloomberg

No âmbito da atividade, os resultados de março do setor de serviços e das *proxies* mensais do PIB reforçaram a expectativa de um bom desempenho da economia no 1º trimestre, que pode crescer cerca de 1%, liderado pelo consumo das famílias e retomada dos investimentos.

O setor de serviços surpreendeu positivamente ao avançar 0,4% em março, acima do esperado (+0,2%). Com o resultado, o setor devolveu parte da queda observada em fevereiro (-0,9%) e fechou o 1º trimestre com um bom resultado, avançando 0,5% na margem.

No mês, o desempenho positivo foi disseminado entre as atividades. As maiores altas vieram dos serviços de informação e comunicação (+4,0%) e dos serviços profissionais e administrativos (+3,8%), ambos eliminando a perda registrada em fevereiro. Os serviços de transportes (+0,3%) e os prestados às famílias (+0,6%) também avançaram, enquanto Outros serviços ficou estável (0,0%).

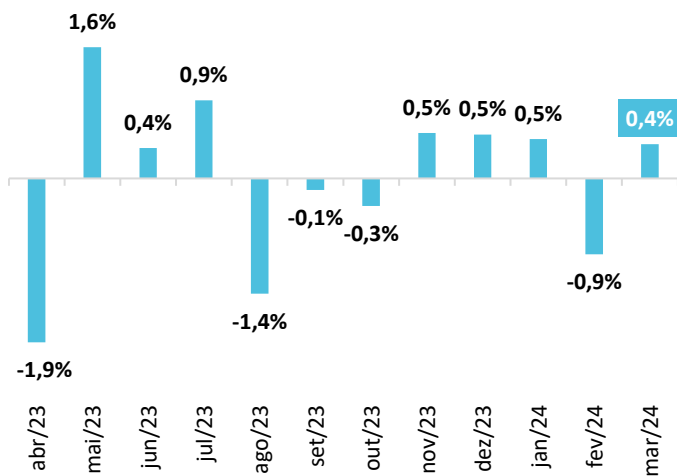
No trimestre, o avanço foi liderado pelos serviços às famílias (+1,3%), que seguem beneficiados pelo aumento da renda disponível, diante do mercado de trabalho aquecido e das melhores condições de crédito; e pelos serviços de informação e comunicação (+1,9%), neste caso voltados às empresas.

Entre as *proxies* do PIB, o índice de atividade do Banco Central, o IBC-Br, retraiu 0,3% em março, conforme o esperado. A queda foi puxada pelo fraco desempenho do varejo no mês (-0,9%). Ainda assim, o resultado positivo nos dois primeiros meses do ano garantiu uma expansão de 1,1% do indicador no 1º trimestre, reforçando a expectativa de um crescimento significativo do PIB no período.

Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, apontou crescimento de 0,4% em março. No trimestre, o indicador fechou com alta de 0,7%, com crescimento bastante disseminado na maior parte das atividades econômicas e componentes de demanda, também indicando um bom desempenho da economia no 1º trimestre. Destaque para o avanço do consumo das famílias (+1,5%), especialmente de serviços e de produtos não duráveis; e da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que cresceu 4,8% no trimestre, dando sinais de recuperação do segmento, que vem se beneficiando do ciclo de redução das taxas de juros, além do ciclo de obras públicas do período pré-eleitoral.

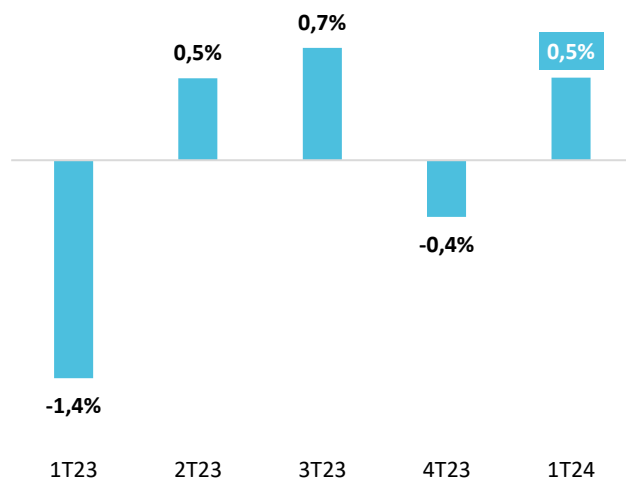
O resultado do 2T24 deve ser mais modesto, afetado pelo desastre no Rio Grande do Sul. Por ora, as expectativas para a expansão do PIB em 2024 seguem apontando para um crescimento próximo a 2%. O resultado oficial do PIB do 1º trimestre será divulgado pelo IBGE no dia 4 de junho.

Quadro 3: Setor de Serviços – Var. % mensal



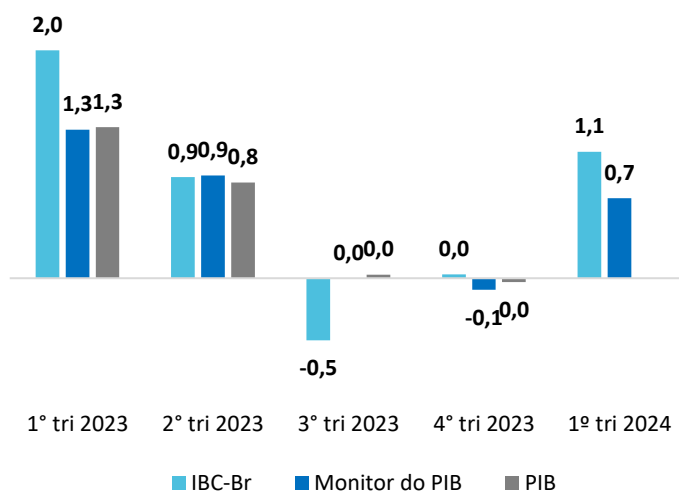
Fonte: IBGE

Quadro 4: Setor de Serviços – Var. % trimestral (T/T-1)



Fonte: IBGE

Quadro 5: IBC-Br, Monitor e PIB – Var. % trimestral (T/T-1)



Fonte: IBGE e FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercados acumulam ganhos com inflação dentro do esperado e atividade mais fraca

O cenário internacional seguiu positivo para os ativos atrelados ao risco, com os principais índices acionários dos EUA apresentando a maior sequência de ganhos desde fev/24. Na última semana, destaque para as divulgações de inflação e atividade nos EUA, que vieram em linha (ou até abaixo) do esperado, aumentando a confiança dos agentes na possibilidade de um corte de juros pelo Fed já em setembro.

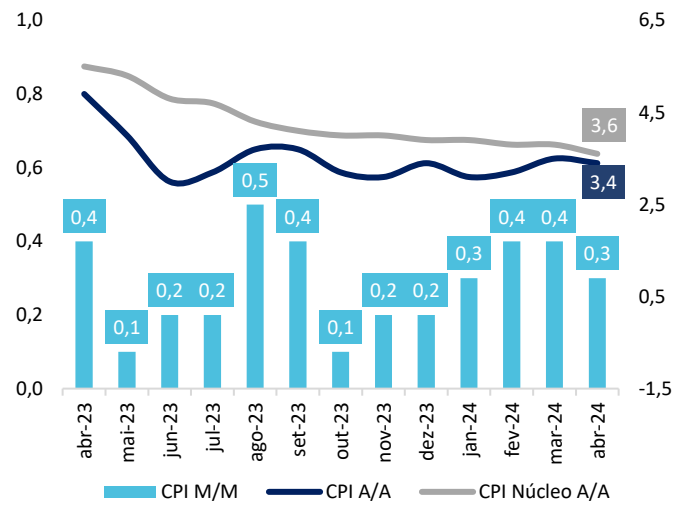
Quanto aos dados norte-americanos, a inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,3% no mês de abril, resultado esperado pelo mercado e puxado pela alta nos preços da gasolina (+2,8%), vestuário (+1,2%) e transporte (+0,9%), ainda que parcialmente compensado pelo alívio no gás encanado (-2,9%) e veículos usados (-1,4%). No acumulado em 12 meses, o indicador desacelerou ligeiramente, para 3,4% (ante +3,5% em mar/24), com a boa notícia de desaceleração dos aluguéis residenciais (de 5,7% para 5,5%). O núcleo do CPI, que desconsidera itens voláteis, segue desacelerando lentamente e atingiu 3,6% (ante +3,8%). Já os preços ao produtor (PPI) subiram mais que o esperado em abril, com alta de 0,5%, com o índice anual voltando a acelerar, de 1,8% para 2,2%.

A atividade, por sua vez, veio abaixo do esperado, sinalizando alguma moderação. A grande surpresa veio do varejo, que ficou estável em abril, contrariando a alta esperada de 0,4%. O resultado deu esperança aos agentes de que o consumo das famílias, enfim, dá sinais de desaceleração, fato que ajudaria a trazer um alívio nas pressões inflacionárias. A indústria também ficou estável, mas nesse caso a alta projetada já era bem contida (+0,1%).

Na China, a atividade seguiu se recuperando em abril, com o maior destaque vindo da indústria, que subiu 6,7% (ante abr/23), acima do esperado. Porém, o dado foi puxado pelas exportações, o que deixa a dúvida quanto à força da demanda interna. Neste sentido, as vendas no varejo decepcionaram ao subir 2,3%, menos que o esperado. Dentro desse contexto, o governo anunciou medidas para impulsionar o setor imobiliário, reduzindo valores mínimos para a entrada e eliminando o piso de juros dos financiamentos.

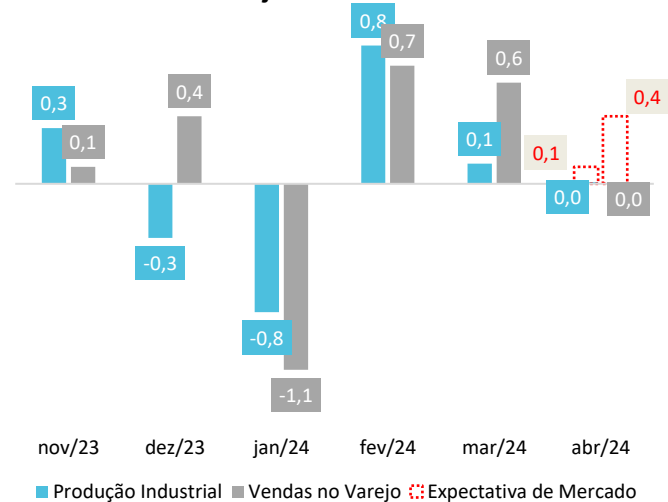
Por fim, na Zona do Euro, o CPI ficou estável em 2,4% nos 12 meses encerrados em abril, confirmando a prévia. O resultado seguiu beneficiado pela deflação em energia (-0,6%) e compensada por serviços (+3,7%). O cenário deve ser o suficiente para que o BCE inicie a flexibilização monetária em sua reunião no início de junho.

Quadro 6: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



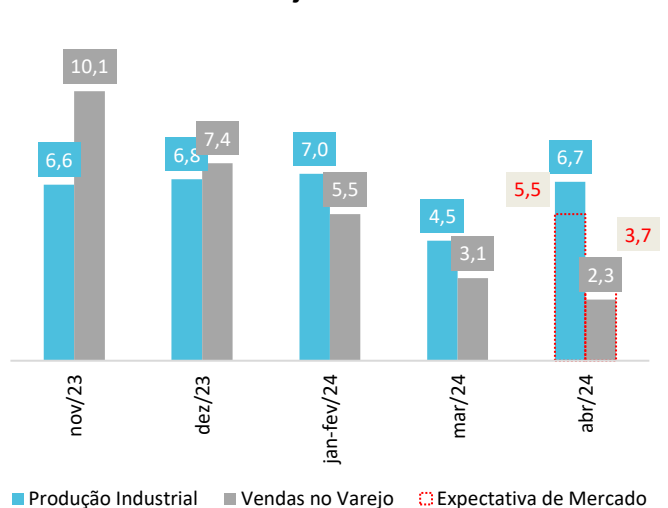
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão anual do crédito deve acelerar pelo 3º mês seguido, para 8,6%

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 0,3% em abril, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Assim, o ritmo de expansão anual da carteira deve acelerar pelo terceiro mês seguido, passando de 8,3% para 8,6%.

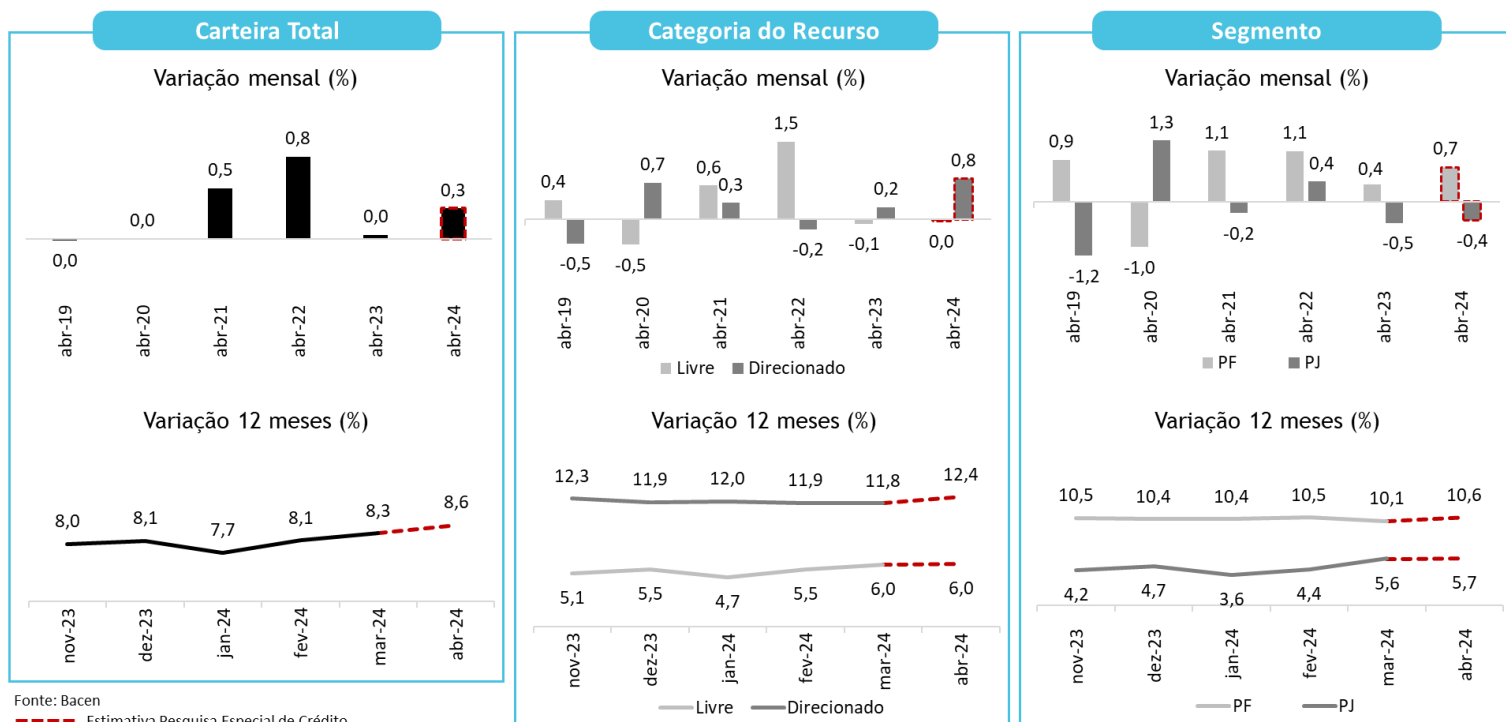
No mês, o crescimento deve ser puxado crédito às famílias (+0,7%). A carteira com recursos livres deve crescer 0,6%, liderada pelos financiamentos de veículos, que têm se favorecido do processo de queda dos juros, e do cartão de crédito à vista, neste caso impulsionado pelo consumo aquecido das famílias. Já a carteira direcionada deve seguir apresentando desempenho robusto e crescer 0,9% no mês, novamente mostrando avanço disseminado entre as modalidades. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira PF deve voltar a acelerar, passando de 10,1% para 10,6%.

O crédito destinado às empresas, por sua vez, deve retrair 0,4% em abril. A queda deve ser puxada pela carteira com recursos

livres (-0,9%), afetada pela sazonalidade negativa das linhas de fluxo de caixa e por um desempenho ainda mais modesto da modalidade capital de giro, principal da carteira. Na outra ponta, o crédito PJ direcionado deve crescer 0,5%. Em 12 meses, o ritmo de expansão da carteira PJ deve ficar praticamente estável, em 5,7% (ante 5,6% em março), com relativa estabilidade tanto na carteira livre (permanecendo em 3,0%) quanto na carteira direcionada (de 10,5% para 10,7%).

No geral, o resultado de abril deve reforçar os sinais de ganho de tração do crédito no início deste ano, em linha com a expectativa de um cenário de maior crescimento do crédito e da economia em 2024. As menores taxas de juros e a moderação das taxas de inadimplência têm contribuído para ampliar a oferta de crédito por parte das instituições financeiras. A dúvida agora é se a piora recente no cenário macro, explicitada na última reunião do Copom, vai ou não inibir, ainda que parcialmente, esta trajetória de retomada do crédito.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta retração mensal de 0,5% em abril (ou -9,5% quando ajustado por dias úteis). O menor volume no mês é especialmente afetado pela sazonalidade negativa de algumas modalidades PJ, mas a retração na margem deve ser disseminada entre os recursos e segmentos.

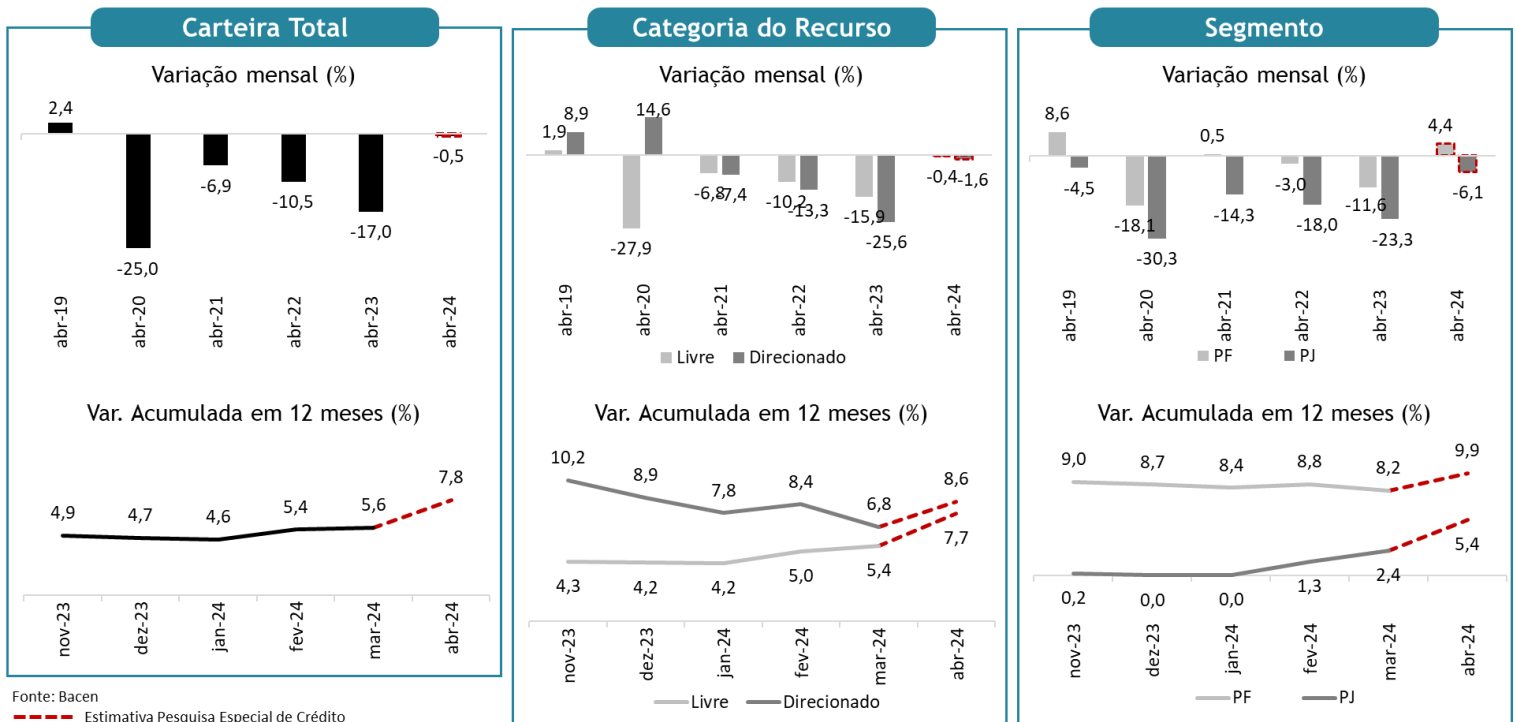
O maior recuo deve ocorrer nas concessões destinadas às empresas, especialmente nas operações com recursos livres, diante da típica retração das linhas de fluxo de caixa (descontos de duplicatas e antecipação de faturas de cartão) no início do trimestre. O volume de concessões destinado às famílias também deve retrair na margem, mas em menor medida.

Na comparação com o mês de abril de 2023 (que elimina fatores

sazonais), as concessões devem crescer 3,9% na média de dias úteis (ou +0,2% quando também ajustado pela inflação). Já na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve mostrar ganho de tração, passando de uma alta de 5,6% em março para 7,8% em abril. Em conjunto, tais métricas reforçam os sinais de retomada do mercado de crédito neste início de ano

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 27 de maio. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Abr/24

CRÉDITO / BANCOS

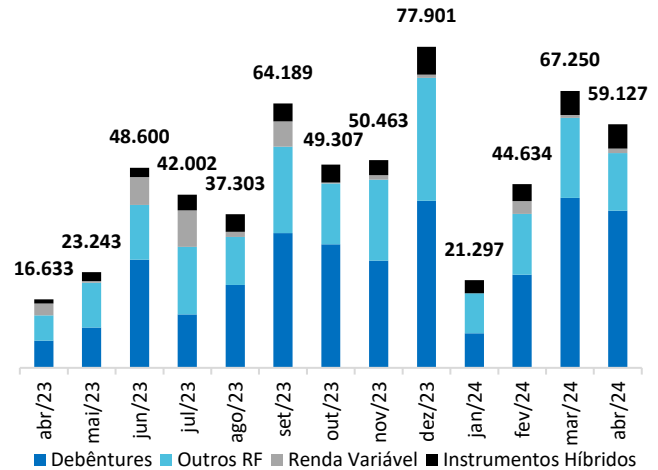
O mercado de capitais registrou captação de R\$ 59,1 bilhões em abril, segundo a Anbima. Ajustado pela inflação, o montante foi o maior para o mês desde o início da série histórica, com expressiva alta de 255,5% ante abr/23 (também devido à fraca base de comparação). O resultado reforça a leitura de recuperação do segmento em 2024, após um 2023 conturbado.

Entre os instrumentos, a melhora ante abr/23 foi disseminada, com destaque para as debêntures, que atingiram R\$ 38,1 bi, representando 64,5% do volume captado no mês e 475,4% acima do observado em abr/23 (R\$ 6,6 bi). Os demais instrumentos de renda fixa (CRIs, CRAs e FIDCs) mais que dobraram de valor (+128,9%), chegando a R\$ 14,0 bi, com destaque para os CRIs (+258,8%) e FIDCs (+254,1%). Vale destacar que os números ainda seguem sem refletir as alterações nas regras de emissões de CRIs e CRAs, dado que boa parte das ofertas já haviam sido protocoladas antes da medida. Na outra ponta, as captações via renda variável seguem bastante fracas, sem registrar oferta primária de ações (IPOs) desde jan/22 e com apenas duas operações de follow-on, com o volume do instrumento caindo 62,0% ante abr/23.

Para melhor entender se o desempenho do mercado de capitais em 2024 está, de fato, em tom positivo, uma avaliação interessante é comparar a evolução das captações com 2022, ano sem qualquer atipicidade (diferente de 2023). O Quadro 13 traz uma comparação entre os volumes acumulados no período de janeiro a abril de 2024 em relação aos anos anteriores, sempre ajustados pela inflação. O exercício mostra que as emissões tem crescido de forma relativamente disseminada, seja ante 2023 ou 2022, exceto no caso das operações com instrumentos de renda variável, cujo mercado segue praticamente paralisado. No agregado, o volume de captações de 2024 se mostra 26,4% superior ao observado em 2022, o que vai de encontro com o entendimento de que o segmento vive um bom momento.

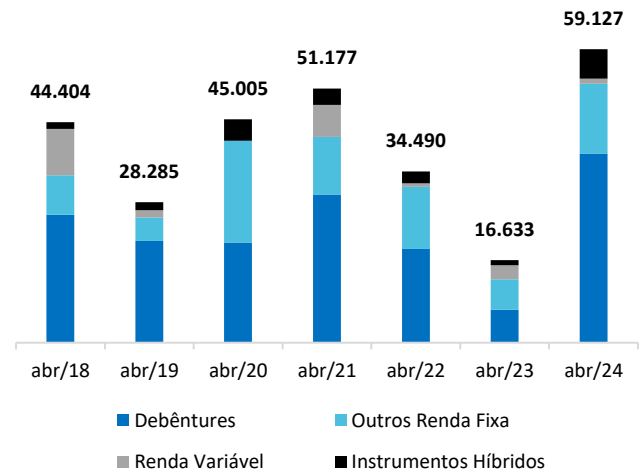
Para os próximos meses, a expectativa é que o mercado de capitais siga aquecido, beneficiado pelo menor nível da taxa Selic, mantendo-se como uma importante fonte de captação de recursos para as grandes empresas, complementar ao crédito bancário.

**Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais
Em R\$ mi (IPCA de abr/2024)**



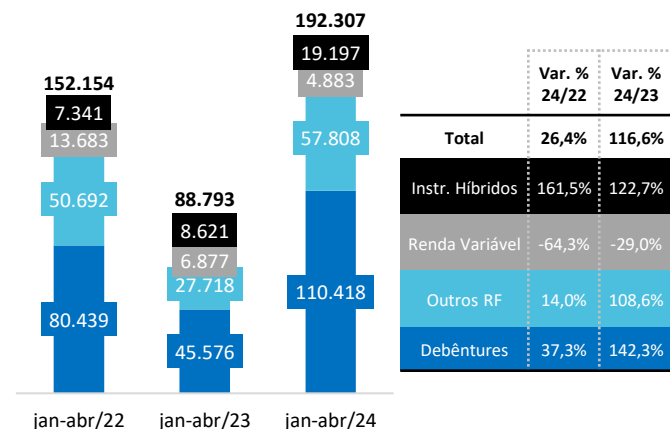
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais
Meses de Abril - Em R\$ mi (IPCA de abr/2024)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Volume de captação de janeiro a abril
R\$ bi (IPCA de abr/2024)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Resultado Corporativo 1º Tri/24 Caixa Econômica Federal

CRÉDITO / BANCOS

A Caixa Econômica Federal (CEF) registrou lucro líquido contábil de R\$ 2,5 bilhões no 1º trimestre 2024, registrando queda de 38,1% na margem e alta de 27,3% em 12 meses. A rentabilidade patrimonial (ROE) da CEF atingiu 9,6%, subindo tanto no tri (+0,2 pp) como no ano (+2,0 pp). Dentre os itens extraordinários com impacto relevante no resultado, o banco destaca-se o Programa de Demissão Voluntária (PDV) que está em curso, que impactou negativamente o resultado do 1T24 em R\$ 422 milhões. No comparativo com o 1T23, o resultado foi beneficiado pela expansão da margem financeira (+9,9%), cujo desempenho foi bastante beneficiado pela queda das despesas com recursos de instituições financeiras (-18,1%) e pelo aumento nas receitas com operações de crédito, ainda que modestas (+0,2%). Outro ponto positivo veio do menor custo com PDD (-0,9%), em meio à queda da inadimplência da carteira total. Já as receitas com prestação de serviços subiram 6,9% em 12 meses, beneficiadas pelos ganhos com operações de crédito (+15,0%), tarifas bancárias (+8,2%), serviços de governo (+7,3%) e cartões (+5,5%). Por outro lado, as despesas administrativas subiram 14,8% no ano, puxadas pela despesa com pessoal (+18,3%). Desconsiderando o efeito das despesas com o PDV, a alta teria sido mais controlada, de 6,0%.

Já a carteira de crédito da CEF expandiu 10,4% em 12 meses e 2,2% no trimestre, registrando um saldo de R\$ 1,144 trilhão ao fim do período. A alta anual foi puxada pelo crédito imobiliário (+14,4%), principal linha da instituição, representando 65,9% do total da carteira da IF. Também houve alta expressiva da carteira agro (+20,7%), que ainda representa 5% do crédito da instituição, mas que vem aumentando sua participação. Já o saldo comercial PJ subiu 3,9%, enquanto a carteira destinada às famílias caiu 2,7%. A inadimplência da carteira (acima de 90 dias) atingiu 2,34% no 1T24, com alta no tri (+0,18 pp) e queda em 12 meses (-0,39 pp). No ano, a melhora veio do setor de infraestrutura (impacto de um cliente específico no 1T23), enquanto a piora na margem foi puxada pelo crédito agro e comercial, apenas parcialmente compensada pelo maior controle de perda na carteira habitacional.

Do ponto de vista dos passivos, segue a tendência de queda no saldo da poupança, que é a principal fonte de financiamento do crédito habitacional. A IF é líder em ambos os mercados, com 67,7% do saldo de crédito imobiliário e 36,8% na poupança. Por sinal, o saldo da poupança na CEF caiu 2,7% em 12 meses, atingindo R\$ 358,7 bi, redução maior do que a observada no mercado como um todo (-0,2% poupança SBPE). Para compensar tal efeito, a IF elevou em 69,2% a captação via Letras de Crédito Imobiliário (LCIs), com o saldo atingindo R\$ 158,2 bi no 1T24. Essa tem sido a estratégia adotada pelo mercado em geral. No entanto, ao mesmo tempo em que reduz a possibilidade de a instituição ficar sem fundos para empréstimos habitacionais, ela também eleva o custo dos empréstimos nessa modalidade, uma vez que a remuneração das LCIs é superior à da poupança.

Quadro 14: CEF – DRE

Itens de Resultado (R\$ milhões)	1T24	4T23	Δ%	1T23	Δ%
Lucro Líquido Contábil	2.462	3.975	-38,1	1.934	27,3
Lucro Líquido Recorrente	2.883	2.869	0,5	1.934	49,0
Resultado Operacional	1.701	2.704	-37,1	1.376	23,7
Margem Financeira	15.278	17.532	-12,9	13.898	9,9
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa (PCLD)	(4.946)	(4.353)	13,6	(4.991)	-0,9
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	10.333	13.179	-21,6	8.907	16,0
Receita com Prestação de Serviços ¹	6.629	6.712	-1,2	6.202	6,9
Despesas Administrativas	(11.419)	(11.512)	-0,8	(9.948)	14,8
Despesas de Pessoal	(8.139)	(7.704)	5,6	(6.880)	18,3
Outras Despesas Administrativas	(3.280)	(3.809)	-13,9	(3.068)	6,9

Quadro 15: CEF – Carteira de Crédito Ampliada

Valor em R\$ milhões	Mar24	Dez23	Δ%	Mar23	Δ%
Imobiliário	754.257	733.251	2,9	659.561	14,4
Crédito Comercial	231.922	231.957	-0,02	232.037	-0,05
Pessoas Físicas	133.955	134.625	-0,5	137.712	-2,7
Pessoas Jurídicas	97.967	97.332	0,7	94.325	3,9
Saneamento e Infraestrutura	100.264	98.377	1,9	97.412	2,9
Agronegócio	57.805	56.155	2,9	47.888	20,7
Carteira Total	1.144.248	1.119.740	2,2	1.036.897	10,4

Fonte: RI CEF.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	17/05/24	10/05/24	19/04/24	Viés	17/05/24	10/05/24	19/04/24	Viés
IPCA (%)	3,80	3,76	3,73	▲	3,74	3,66	3,60	▲
PIB (% de crescimento)	2,05	2,09	2,02	▼	2,00	2,00	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,00	9,75	9,50	▲	9,00	9,00	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,04	5,00	5,00	▲	5,05	5,05	5,05	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	17/05/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,10	-1,04%	-1,71%	5,09%	2,80%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	140,81	0,30%	-6,45%	6,30%	-35,34%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,39	-0,01%	-0,66%	-10,79%	-23,85%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,45	0,83%	0,50%	4,05%	-17,54%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,55	-0,14%	-0,23%	14,64%	0,49%
Índice Ibovespa (em pontos)	128.150,71	0,43%	1,77%	-4,50%	16,39%
IFNC (setor financeiro)	12.799,16	1,84%	2,27%	-7,28%	14,30%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	4,76%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,82	-0,84%	-4,18%	13,52%	13,47%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,42	-1,70%	-5,56%	13,94%	21,23%
Dollar Index	104,45	-0,81%	-1,67%	3,07%	0,83%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.303,27	1,54%	5,31%	11,18%	26,33%
Índice de ações de bancos – EUA	102,92	1,07%	7,60%	-6,03%	22,71%
Índice Euro Stoxx 50	5.064,14	-0,41%	2,90%	12,00%	15,95%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	149,41	2,42%	5,49%	26,24%	43,43%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	83,98	1,44%	-4,42%	9,01%	10,70%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira